

como fazer aposta eletrônica

Atletas trans têm vantagens sobre atletas cis? Deveriam haver modalidades apenas para pessoas trans? Especialistas consultados pela Ponte contam a

verdade sobre esses e outros mitos

Ilustração: Antonio Junio / Ponte Jornalismo

Não é raro ver nas redes sociais episódios de transfobia

sempre que algum atleta trans consegue obter algum feito esportivo de destaque.

Assim foi com a jogadora Tiffany Abreu, quando passou a jogar a superliga de vôlei, principal competição da modalidade do país.

Quem também passou a receber críticas por seu desempenho

dentro das piscinas foi a nadadora norte-americana Lia Thomas, após

se tornar a primeira mulher não-cis (cis é a pessoa que se) Tj T* B

torneio de natação universitária nos EUA.

As críticas e ofensas a essas atletas são de toda ordem, passando

pelas questões de gênero e pautas sobre minorias, mas

grande parte dos comentários maldosos versa sobre uma possível vantagem

física que as mulheres trans teriam em relação a outras

competidoras por terem nascido com um arranjo biológico considerado masculino.

Em março deste ano, a presidente do Sindicato dos

Delegados do Estado de São Paulo, Raquel Gallinati, fez uma postagem na

conta do Instagram, na qual afirmou que atletas trans "tiram o espaço

que nos levou décadas de muito luta" e que promovem a "exclusão

de mulheres do esporte feminino".

Nos comentários feitos nas redes sociais da Ponte após a publicação

da reportagem que citava o posicionamento da delegada, vários

usuários defendiam a posição de Gallinati e corroboravam

que mulheres cis não têm paridade esportiva com as trans.

"As trans devem ter de uma categoria para elas.

Não há como achar mulheres "cis" tenham alguma chance

no esporte competindo com trans, gente! biologicamente imposs

íveis. Há países que agora permitiram que mulheres competissem

em esportes, disse uma mulher em um dos comentários da

postagem. "Muito óbvio que mulheres trans (BIOLOGICAMENTE HOMENS) Tj